

Agir cartográfico:

Proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede

Cartographic proceeding:

Theoretical-methodological proposal to understand and to perform networked journalism

Ronaldo Cesar Henn

Jornalista, professor do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP).

Unisinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo (RS), Brasil.

Felipe Moura de Oliveira

Jornalista, professor da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos).

UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre (RS), Brasil.

Moreno Cruz Osório

Jornalista, professor da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Famecos/PUCRS). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos).

PUC-RS, Escola de Comunicação, Artes e Design, Porto Alegre (RS), Brasil.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.298>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 45, p.44-65, mai./ago. 2022

Introdução

Este artigo é resultado de reflexões a que os autores têm se dedicado ante a crise enfrentada pelo jornalismo a partir de disputas de sentido no espaço público contemporâneo concretizadas em redes sociais digitais. Nessa perspectiva, o alerta é para recrudescimento de sentidos que, quando submetidos à perspectiva da linguagem, constituem panorama ideológico que se caracteriza como uma espécie de “neofascismo”: distingue-se do fascismo originário pela possibilidade de representação e espalhamento em larga escala, demandando formas de compreender a velocidade e a intensidade do fenômeno.

Pesquisas dedicadas a investigar acontecimentos em redes digitais (HENN et al., 2018) constataam bolsões de articulação por meio dos quais ideários retrógrados ganham materialidade. Disputas de territórios de sentidos, incrementados com a performance de algoritmos, passam a compor a cena social via rede, afetando dinâmicas jornalísticas. As eleições de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016, e de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, entre outras ascensões reacionárias no mundo, constituíram-se fora do jornalismo – mesmo que a presença do jornalismo, pelo silêncio ou pela postura adesista, seja problematizada. Aquilo que se compreende como crise do jornalismo, especialmente no Brasil, ganha uma feição entrópica.

Assumem protagonismo nessa cena novas configurações do fenômeno designado como “fake news”, que se prolifera no Brasil principalmente por meio de grupos de usuários do aplicativo de mensagens WhatsApp. Wardle e Derakhshan (2017) alertam que a divulgação de conteúdos pela internet com textos considerados falsos é apenas o começo de uma fase obscura que ameaça os processos em rede. Fala-se agora em “deep fake”, cujo cerne é a facilidade com que se pode manipular imagens e vozes e colocá-las em situações audiovisuais comprometedoras.

E é deste cenário, pois, que emerge a pergunta: qual seria o papel do jornalismo no espaço público contemporâneo? As primeiras discussões têm indicado a necessidade de uma autorreflexão por parte do campo – compartilhada com o conjunto dos campos sociais – na direção da revisão de práticas que historicamente encerraram a representação dos acontecimentos em sentidos pouco esclarecedores. Postula-se uma representação mais complexa, capaz de denotar sentidos que contribuam à resolução de conflitos sociais; não que os estimule (OLIVEIRA, 2018). O debate é em torno das consequências desse fluxo comunicacional sobre o jornalismo – para, em seguida, propor perspectivas no sentido de que ele

contribua, ao exercer uma “mediação qualificada”, ao esclarecimento recíproco dos cidadãos (BERGER, 2010) e à preservação da semiodiversidade (HENN, 2013). Propõe-se, para tanto, o agir cartográfico como protocolo teórico-metodológico tanto para a compreensão quanto para o exercício do jornalismo em rede.

O texto é dividido em três eixos. No primeiro, discute-se a ontologia da crise que enfrenta o jornalismo, catalisada pelo conceito de ciberacontecimento (HENN, 2014), desdobrado na interface do que é proposto como “ciberacontecimento breaking news” (OSÓRIO, 2018), cuja descontinuidade salienta sua característica principal e obriga o jornalismo a agir com celeridade, ao mesmo tempo que realça um dos sintomas mais intensos da crise: a competição com a velocidade e a abundância da informação nas redes sociais digitais. No segundo, ainda com essa perspectiva, o agir cartográfico é proposto como estratégia de ação, método em potencial. Ao terceiro é reservada a discussão epistemológica que assenta a defesa de uma mediação qualificada.

Se, no jornalismo empresarial, as reações ainda são tímidas, iniciativas de jornalismo independente em relação ao circuito tradicional de financiamento têm se revelado promissoras. Como ilustração, uma reportagem da Pública esclarece informações falsas que circularam em rede envolvendo a renúncia do ex-deputado federal Jean Wyllys¹. Sob o título “Rastreamos a hashtag que espalhou fake news sobre Jean Wyllys” e a linha de apoio “Iniciados por anônimos, boatos que ligavam ex-deputado a ataque a Bolsonaro explodiram com atuação de Olavo de Carvalho, Alexandre Frota e Lobão no Twitter e Facebook”, a agência ensaia o agir cartográfico; vai além da checagem de fatos e da imposição de uma verdade verificável e admite os efeitos produzidos pelas “fake news”.

Que crise?

O sentido de crise aqui tem origem em perspectiva sistêmica, que pensa os chamados sistemas dinâmicos e altamente complexos (VIERA, 2000; MAINZER, 1994; PRIGOGINI, 1976), pautada, em larga escala, pelo parâmetro da conectividade. Uma flutuação intensa, provocada por novos modos de conectividade, transforma os processos como um todo, mas, quando ultrapassa parâmetros críticos, amplifica as flutuações, gerando crises que obrigam o sistema a avançar. Ao superar uma crise, ressurgem

¹ Disponível em: <https://apublica.org/2019/02/rastreamos-a-hashtag-que-espalhou-fake-news-jean-wyllys/>. Acesso em: 20 ago 2022.

reorganizada, reestruturada, e até mesmo com a identidade modificada. E é nesse ambiente que eclode o cibercontecimento: acontecimentos cuja processualidade e propagação se tramam nas redes digitais.

O espaço público é entendido como semiosfera: em Lotman (1986), o espaço constituído pela cultura humana em que se metabolizam todas e quaisquer semioses. Sistemas de produção de sentido agem e interagem, numa complexa negociação que, ao mesmo tempo que resulta na atribuição de significados aos acontecimentos, os transforma entre si, configurando novos arranjos.

Configurando-se historicamente como mediador entre a sociedade e os acontecimentos que emergem da realidade, o jornalismo internalizou uma série de códigos e procedimentos organizacionais para dar conta desse ambiente que tende ao caos (HENN, 2002). Os acontecimentos são singularidades que produzem rupturas, descontinuidades, trazem incertezas (QUÉRÉ, 2005; MORIN, 1986). E o jornalismo dá forma discursiva ou semiótica aos acontecimentos, criando hierarquias, enquadramentos, como que tomando posse deles.

Não é difícil presumir o lugar de destaque que galgou ao logo da história. É o campo social ao qual se atribuiu a prerrogativa para a definição dos temas que merecem atenção no presente (FRANCISCATO, 2005). Ao exercê-la, confere sentidos aos acontecimentos que são amplamente replicados, levando a sociedade a ações concretas. A representação e a interpretação que o jornalismo faz dos acontecimentos são questionadas, quando não refutadas, e, não raro, pelos próprios personagens que os protagonizam. O que o jornalismo não representa do objeto/acontecimento no signo/notícia é o que, nas palavras de Santaella (2008), resulta em “sobras” – que, agora, são significadas por sistemas de produção de sentido alheios ao jornalismo.

O jornalismo passa, então, por transformações significativas, sobretudo por conta de outros atores sociais intervirem, de modos diferentes, nas narrativas jornalísticas, que se hibridizam. Estabelece-se, enfim, uma disputa de sentidos em torno dos acontecimentos e suas representações na semiosfera. Em que pese não ser esse um fenômeno recente, as redes sociais digitais se constituem no locus em que a disputa se materializa e, mais, se potencializa, a ponto de produzir sobre o jornalismo a sua crise atual. Decorre daí a proposta para o enfrentamento dessa crise com processos mais complexos de representações dos acontecimentos (OLIVEIRA, 2018).

Anatomia rizomática

Ao eclodir em rede, o cibercontecimento *breaking news*² existe simultaneamente nos estados virtual e atual. É “uma projeção de todas as relações possíveis entre agentes, objetos e instituições” (BASTOS et al., 2014, p. 585), mas também resulta da associação de fato entre todos esses participantes em potencial. Os dois estados acontecem ao mesmo tempo porque sua “materialização” não elimina o caráter de potência das infinitas associações.

O número de associações pode oscilar à medida que as conexões ocorrem e se desfazem. A relação inversamente proporcional desse movimento com a passagem do tempo define o grau de grandeza da rede materializada. Quanto mais associações acontecerem em um intervalo menor de tempo, maior será o ritmo de crescimento do acontecimento, o que incide sobre o seu nível de extraordinariedade. A heterogeneidade, que caracteriza tanto a rede em potencial quanto a rede em processo de atualização, regula a velocidade do movimento.

O princípio da simetria (LATOURE, 2012) – que considera o poder de agência de atores quase desconsiderados nas interações sociais, como artefatos tecnológicos – oferece capacidade de ação às redes sociais digitais. Eles medeiam as relações estabelecidas a partir das suas estruturas, cujo programa de ação³ permite a aceleração e a desaceleração das associações. Essa dinâmica transforma a composição da rede do acontecimento em uma pulsação. Características que contribuem para o caráter imprevisível do cibercontecimento *breaking news*, a movimentação de sentidos na semiosfera e o ritmo de sua pulsação são indeterminados e potencialmente infinitos; dependem da natureza do evento inicial, da natureza dos atores envolvidos e da interpretação que cada um deles pode fazer do fenômeno.

Aproximando-se do caos, essa dinâmica acontecimental do cibercontecimento *breaking news* permite uma aproximação com o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari (2011), que o definem como uma metáfora para a impossibilidade de ordenação da existência. Deslocado da botânica, o termo diz respeito a uma espécie de junção não arborescente, ou seja, sem a hierarquia que prescinde da ideia de

² À expressão *breaking news*, Osório (2018) atribui uma intensificação da relação entre as categorias dos valores-notícia oriunda dos níveis de extraordinariedade dos acontecimentos. Considerando a capacidade de impor o determinismo jornalístico aos fenômenos como uma das características que mais distingue o fazer profissional, parte do pressuposto que, atualmente, tal habilidade possui contornos intrincados; sua prática é suscetível a influências de um ecossistema midiático complexo, em rede, descentralizado, acelerado, fluído e marcado pela multiplicação do número de atores capazes de construir a realidade.

³ Programa de ação é entendido como a maneira por meio da qual redes sociais digitais participam e/ou influenciam nas associações.

raiz, em que o crescimento se dá de maneira estrutural. Eles afirmam o poder da conexão, já que "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro" (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 22), e também o caráter heterogêneo das conexões, quando dizem que "cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos" (p. 22).

A potência do rizoma está na sua capacidade de dizer tanto sobre o "emaranhado que compõe a vivência humana" (ROSÁRIO, 2008, p. 214) quanto sobre uma forma menos engessada do que a metáfora da árvore pressupõe. Serve não apenas para diagnosticar o caráter das tramas da vida, mas para operacionalizar um entendimento a seu respeito que seja alternativo ao desejo de dar a ela o arranjo da ordem hegemônica (ROSÁRIO, 2008). Possibilita, portanto, a elaboração de uma estratégia para fazer a capacidade reflexiva se aproximar da impossibilidade de ordem que o rizoma denota. Sem limites e formas definidos, o rizoma modifica-se a todo o momento (KASTRUP, 2010).

Chama a atenção, em Kastrup, o caráter virtual das tramas da vida, das infinitas possibilidades de conexão, que podem ou não se atualizar sem que haja causalidade, determinismo, previsibilidade. E, na mesma medida em que se atualizam, se desmancham; assumem um caráter virtual novamente, em relação de constante tensão. Diante da impossibilidade de representação, o pensamento sobre o rizoma tem caráter inventivo que "entra em sua composição e participa de seu movimento criador" (KASTRUP, 2010, p. 82). Qualquer tentativa de cristalização é, assim, apenas parcial. O estabelecimento de pontos de estruturação é entendido como estabilização temporária.

Num processo acontecimental, construído por múltiplos atores conectados em rede, as relações estabelecidas entre eles, sejam humanos ou não humanos, acabam por construir redes de associações a partir do princípio da simetria de Latour (2012). Essas associações são marcadas pelo que Deleuze chama de pré-individualidade: ou seja, por sentidos que, antes de se objetivarem ou se subjetivarem, junto aos sujeitos ou aos objetos, já fazem parte de um todo múltiplo. Nos termos de Escóssia e Tedesco (2015, p. 96), todo múltiplo é um "plano de criação das formas individuais e sociais origem de toda a mudança". Essas associações, ao participarem da construção do acontecimento, eventualmente fogem do modelo duro, estrutural; distanciam-se das formas hegemônicas e hierarquizadas de apropriação e narração dos acontecimentos: às vezes, a partir de apropriações cercadas pelo caos, que representam linhas de fuga, desterritorializações. Sua natureza caótica (no sentido de uma outra ordem) é portadora de devires, ainda que minoritários, oferecendo novas perspectivas. É a "franja de pré-individualidade" (ESCÓSSIA e TEDESCO

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.298>

2015, p. 96) do cibercontecimento breaking news trazendo consigo potencial de transformação através da pulsação que caracteriza as associações que o constituem. Se pensado sob o ponto de vista do jornalismo, esse potencial de transformação são devires narrativos e deontológicos.

O resultado é uma rede múltipla de associações que constrói o acontecimento na mesma medida em que o inventa, o produz, se afastando da tentativa de representação fiel do fenômeno narrado – dado que evita resquícios do paradigma clássico da objetividade jornalística. Nos termos de Ferreira (2008, p. 31), "acontece uma proliferação de subjetividades mutantes [...], em que cada nova ocorrência de acontecimentos configura uma oportunidade para outras possibilidades de subjetivação". Sua natureza muda à medida que a rede cresce, e tanto o seu crescimento quanto sua natureza em mutação não podem mais ser ligados nem a indivíduos nem a objetos. Os memes nas redes sociais digitais exemplificam essa multiplicidade inatribuível.

Após iniciar o processo acontecimental, os atores responsáveis pela fagulha perdem protagonismo para uma rede pulsante da qual não são o centro. Afinal, uma multiplicidade “não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 23). Sujeito e objeto somem, embora ainda estejam lá: dão lugar a uma multiplicidade, o cibercontecimento breaking news.

Dinâmica

A dinâmica do cibercontecimento breaking news – que virá a dialogar com a estratégia de atuação jornalística baseada no agir cartográfico – é dividida em três momentos, com inspiração nos três movimentos simultâneos do desejo que abrem o livro *Cartografia sentimental*, de Suely Rolnik (2014). Como já observado em outra oportunidade (OSÓRIO, 2015), a autora explora a instalação e a viabilização de formas de subjetivação no cotidiano com lastro no contexto brasileiro dos anos 1980, início do regime do “capitalismo cognitivo”. Sentimental aqui não se refere a sentimentalismo, e sim ao afeto, ao ato de afetar. Ao descrever esses movimentos, intenta-se demonstrar como o processo acontecimental do cibercontecimento afeta o jornalismo ao eclodir em rede.

Propõe-se, portanto, um modelo capaz de delimitar as dinâmicas que movimentam as engrenagens do cibercontecimento – sobretudo aquele desdobrado no cibercontecimento breaking news –, processo que dá início à propulsão de sentidos na semiosfera. Trata-se de verificar como o fluxo informacional vai, à

medida que é apropriado pelos atores em associação, conquistando territórios, tornando-se inteligível – ainda que às vezes essa inteligibilidade não seja exatamente a jornalística – ao mesmo tempo que o jornalismo se esforça pela estabilização do pulsar do rizoma.

Movimento 1: partículas de intensidade. Aqui, o breaking news acaba de irromper. A rede de associações que servirá de subsídio para materializá-lo jornalisticamente ainda inexistente, e sua configuração após a explosão do acontecimento é imprevisível. O que há circulando é, por enquanto, sua intensidade. Emergem, aos poucos, fragmentos, peças soltas do fenômeno que começa a reverberar em rede. Aos poucos, inicia-se um processo acontecimental que ensaia jeitos de se apresentar, obter “espessura de real” (ROLNIK, 2014, p. 31). À medida que o tempo passa, o ciberacontecimento breaking news se transforma de potência enunciativa em cristalização narrativa, mas a falta de coesão e coerência de tais manifestações das associações ressalta o seu caráter sensível. O breaking news é um acontecimento-intensidade.

Localizado entre o fenômeno inicial e as suas primeiras manifestações em rede, o Movimento 1 é de transição. Um fato fora da rede motiva o registro de alguém que por ele foi afetado. No momento em que esse registro ganha a rede, acende o pavio do processo acontecimental. A manifestação publicada em rede, ainda sem fazer parte da rede narrativa do ciberacontecimento, possui interesse jornalístico, mas, nesse primeiro momento, exala intensidade. É preciso que essa manifestação encontre outros fragmentos de expressão para que essa realidade – construída na rede e em rede – comece a ganhar espessura, se efetue, iniciando a formação de um mundo.

Movimento 2: a formação da rede. Ao começar a pulsar, o acontecimento deixa o plano da potência e vai ganhando corpo, plano de consistência. A territorialidade vai se formando por meio do estabelecimento de associações heterogêneas entre diferentes plataformas de redes sociais digitais (Youtube, Twitter, Instagram, Facebook e etc.), os sujeitos conectados a elas e os fragmentos de acontecimento-intensidade, que neste momento já se transformaram em atores desvinculados de quem (ou o que) os emitiu. À medida que essas associações acontecem, materializa-se uma rede narrativa. A composição vai se formando a partir da associação de singularidades pré-individuais, como as fagulhas iniciais de um breaking news em rede. Essas fagulhas mal chegam a fazer parte de quem as enunciou; sua rápida adesão a um plano de consistência mais amplo faz com que elas se tornem parte de uma multiplicidade. Embora elas estejam ligadas aos atores que as emitiram, os sentidos que elas emitem as transcendem e as transformam em retalhos do pathwork narrativo sobre o acontecimento em

desenvolvimento. A tendência é o estabelecimento de planos de consistência, de delineamento de territórios.

Movimento 3: inteligibilidade e cristalização. Na narrativa de Rolnik, a formação de territórios acontece de formas diferentes. No primeiro cenário, a inteligibilidade vinga e faz sentido a partir de mundos existentes e tradicionais. Em um segundo cenário, “partículas soltas de afeto, lascas que escaparam às máscaras do território” (ROLNIK, 2014, p. 33) anunciam uma inteligibilidade obsoleta, em “processo galopante de desabamento” (p. 33). A autora ainda ressalta que, embora tenha vingado, o primeiro cenário também tende a passar pela mesma situação.

Se utilizarmos essa lógica no contexto que queremos observar, o primeiro cenário poderia nos remeter à cristalização de um breaking news a partir de uma ação jornalística mais tradicional, cujas formas narrativas e deontológicas, às vezes desatentas às associações heterogêneas que compõem o processo acontecimental em rede, por mais que façam sentido (“prestem”, como diz Rolnik), têm data de validade, ainda mais nos tempos atuais. Sua desterritorialização é evidenciada pelas “lascas” que escapam do seu território: “atos aleatórios jornalísticos” (LASICA, 2003) que, embora carreguem sentido, apresentam, num primeiro momento, cargas elevadas de intensidade nem sempre adequadas à deontologia jornalística tradicional; restam, ao jornalismo, como as “sobras” de que falava Santaella (2008).

No segundo cenário, a obsolescência da ação jornalística já foi percebida, fazendo sua narrativa gorar. No seu lugar, conquistam territórios narrativas caóticas, não tradicionais, em princípio não jornalísticas, que geram desconforto, mas que projetam outros devires narrativos diante do processo acontecimental, outras territorializações a partir do acontecimento-intensidade.

Este segundo cenário divide-se em dois. De um lado, há a insistência do comportamento obsoleto. A ação jornalística, para afirmar a relevância de suas práticas, enrijece suas posições e ignora os “atos aleatórios jornalísticos” praticados por diferentes atores associados em rede. Trata-se de uma rigidez que “parece ser tão forte quanto aquilo que ela tem por missão negar: o movimento de partículas soltas, partículas loucas” (ROLNIK, 2014, p. 34). De outro, a ação jornalística “aguenta ir se equilibrando na corda-bamba sobre o abismo que a ausência de rosto – sua máscara desterritorializada – cava em sua alma”. Ela aceita que sua territorialização, marcada por uma identidade deontológica e narrativa, gorou e que, para

conseguir dar conta do cibercontecimento como processo acontecimental, terá de reinventar um mundo que leve em conta a heterogeneidade das associações responsáveis por construir a realidade social a partir de um fenômeno inicial.

O agir cartográfico

Pressupostos teóricos até aqui contribuíram para marcar traços de semelhança e distinção entre o cibercontecimento *breaking news* e o cibercontecimento original, estabelecendo aquele como desdobramento deste. Ou seja, o *breaking news* não é, necessariamente, um cibercontecimento, na sua origem, mas operacionaliza-se ou processa-se enquanto tal, pois adquire todas as tonalidades percebidas no cibercontecimento, nos modos complexos como se espalha e gera conectividades em rede.

Uma das constatações no esteio dessa construção é a de que o cibercontecimento *breaking news* se configura como um elemento propício para evidenciar a crise sistêmica que atravessa o jornalismo (HENN e OLIVEIRA, 2015), mas também oferece a possibilidade do seu reequilíbrio como sistema por meio de uma revisão das suas práticas. Um reequilíbrio pode ser obtido a partir do deslocamento de alguns pressupostos do método cartográfico para a prática jornalística, no momento da eclosão de um cibercontecimento.

A aproximação do jornalismo à cartografia não é frequente. Também não é, contudo, uma apropriação inédita. Jim Hall (2001, p. 54), ao discutir a natureza desintermediada das notícias no jornalismo digital, afirma que os "jornalistas incorporaram o papel de cartógrafo nas suas atividades, mas, na biblioteca universal que é a web, eles também se tornaram autenticadores e designers daqueles que seguem os seus mapas" que organizam a "bagunça": "Os mapas contextualizam e mediam as fontes oferecidas pelos jornalistas, mas a interpretação dessas fontes é de responsabilidade dos leitores".

Rocha (2006; 2009, p. 56) chamou de "cartografia da informação" a ação do jornalista dedicado a "evitar ou minimizar dispersão ou sobrecarga cognitiva do usuário" em contextos informacionais cuja atividade estivesse baseada em um "caráter de interação mútua", através de hiperlinks. Levando-se em consideração dinâmicas hipertextuais e outras típicas do ambiente digital, o cartógrafo da informação deve "estabelecer uma relação produtiva essencial entre interpretação coletiva dos fatos e ligação entre comunidades ou interagentes informacionais" (ROCHA, 2009, p. 4).

Abras e Penido (2012) convocam a definição de Rocha (2006) para sublinhar uma "nova práxis" que "diz respeito ao modo de atuação jornalística em redes comunicativas inter-relacionais" (ABRAS e PENIDO, 2012, p. 12). Ela ganhava espaço diante de mudanças dos fluxos informacionais que alteravam os processos de gatekeeping e agenda-setting. A cartografia da informação designaria uma nova atribuição do jornalista, que somaria o papel de "vigia" do gatewatching à função de "elemento de ligação entre diversos agentes ou comunidades virtuais informacionais" (ROCHA, 2006, p. 56).

Em comum a essas apropriações está um significado mais usual do termo. A cartografia aparece como sinônimo de organização, filtro, mediação, interlocução. O jornalista emerge como o profissional capaz de oferecer basicamente dois tipos de mapas: um para navegar em meio à confusão informacional; outro para explorar as possibilidades de interlocução entre comunidades (flertando com a preservação da semiodiversidade: uma espécie de resgate das "bolhas" de sentido que permeiam as redes sociais digitais).

A proposta aqui denominada como agir cartográfico consiste, inicialmente, em pensar a prática jornalística a partir da definição do ciberacontecimento como um rizoma pulsante. É uma prática que passa, sim, pela ideia básica de um organizador de informações, de fluxos, de conversações, mas que potencialmente a transcende, especialmente diante da complexidade imposta pelo cenário dos últimos anos. A ideia é incorporar alguns pressupostos da cartografia como método para explorar e cristalizar rizomas, tópico bastante discutido na psicologia e nas ciências da saúde, e que recentemente vem ganhando espaço no campo da comunicação.

Cabe salientar que não se trata de deslocar o método cartográfico para o fazer jornalístico. A prática jornalística tem princípios deontológicos. Não é proposta, portanto, a sua invalidação, mas sim acréscimos, adaptações e realocações em função do contexto de crise já citado. Muito mais do que um modelo a ser aplicado, o objetivo é fornecer parâmetros de reflexão que possam ajudar a desenvolver novas posturas, novos olhares com a possibilidade de outras práticas.

Assim, a adaptação da lógica de ação jornalística passa pela incorporação de alguns elementos da cartografia. A pulsante imprevisibilidade rizomática do processo acontecimental e a natureza extraordinária do fenômeno que o originou abrem espaço para uma forma de narrá-lo baseada na inventividade do método (KASTRUP, 2010). O objetivo seria traçar "um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem" (ROLNIK, 2014, p. 23). Um desenho

narrativo acompanha, portanto, o pulsar do cibercontecimento breaking news como tentativa de protocolo para a prática do agir cartográfico.

A cartografia, segundo Prado Filho e Teti (2013), acompanha “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamento entre forças, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação e subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (p. 47). É uma topologia dinâmica das forças e relações, fornecendo mais informações a respeito dos movimentos do que de posições fixas (p. 48). Esse dinamismo aproxima a cartografia da lógica das redes associativas, fazendo-a emergir como uma metodologia promissora para o contexto em tela, e cujo percurso na semiose da notícia pode ser suspenso em três diferentes momentos, a jusante em relação ao eclodir do cibercontecimento.

Dimensão pré-individual. O pressuposto dessa estratégia é a (re)construção dos fatos a partir da observação do plano coletivo de forças gerado pelas associações. Nas palavras de Escóssia e Tedesco (2015, p. 97), em um plano coletivo de forças, “não existem regras fixas, modos privilegiados de relação”. A ideia de metaestabilidade está baseada nas duas dimensões existentes em um processo de constituição das formas, a individuação. Os indivíduos “físicos, orgânicos, psíquicos e sociais” (p. 98) são constituídos nesse processo.

A primeira é a dimensão individuada, “marcada pela tendência à repetição de si e, portanto, reconhecida por regularidades facilmente delimitáveis e, neste sentido, capturável pelo exercício da representação” (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015, p. 98). Ela diz respeito à regra, ao conhecido, à maneira como as coisas e os sujeitos são construídos. Sua previsibilidade permite direcioná-la a objetivos claros, encaixá-la dentro de estratégias familiares. A segunda é a dimensão pré-individual, “constituída por pontos singulares, isto é, por puras diferenças potenciais, alheias à ordenação”; um “sistema metaestável, rico em potenciais, portador de intensidades e singularidades” (p. 98). Aqui, “não há denominador comum”, nem possibilidade de encaixe em estratégias de entendimento e representação familiares. Sua natureza é selvagem e marcada pelo desvio.

A metaestabilidade caracteriza o rizoma pulsante em que se transformou o cibercontecimento. Ao se espalhar em rede, choca-se com a metaestabilidade dos próprios sujeitos que dele se apropriam. A interação entre suas duas dimensões, ao mesmo tempo que o cristaliza de uma maneira (re)conhecida, anuncia outras ordens (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2015). Estabelece-se um estado crítico que vai de encontro à

deontologia jornalística. A capacidade de controlar os acontecimentos a partir das suas próprias experiências anteriores, cristalizando-os narrativamente em formas conhecidas e homogêneas não é mais capaz de dar conta da situação problemática que se constitui com a eclosão do acontecimento em rede.

Olhar vibrátil e atenção flutuante: há nesse processo o que Kastrup e Passos definem como "zona de indiscernibilidade" (2013, p. 266), um apagamento de "fronteiras preestabelecidas na divisão das disciplinas" que dá contornos complexos à realidade em formação – interesse último do fazer jornalístico. Para dar conta desse cenário, advoga-se que o jornalismo se inspire na capacidade de utilizar o olhar vibrátil durante um ciberacontecimento breaking news. Rosário (2008, p. 214), inspirada em Rolnik (2014), lembra que a percepção é uma capacidade cortical do sujeito que permite capturar as formas e os elementos do mundo gerando-lhes representações. Essa capacidade pode favorecer o "olhar/corpo vibrátil", potencializando a alteridade.

Deslocada da pesquisa científica para a prática jornalística, é uma postura necessária para "assimilar que não há certezas absolutas, verdades universais, fatos que possam ser apreendidos em estado puro" (ROSÁRIO, 2008, p. 205). Não se trata de deixar de lado a capacidade representacional, muito menos de priorizar a ação da capacidade subcortical em detrimento da capacidade cortical, mas sim de considerá-la; reconhecer a sua existência e fazê-la trabalhar a favor do jornalismo.

Como dizem Escóssia e Tedesco (2015, p. 92), há uma coexistência entre as formas e as forças que as produzem: "longe de limitar seu olhar à realidade fixa, tal como propõe a abordagem da representação, a cartografia visa à ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas". A inclusão de um olhar vibrátil nas práticas jornalísticas seria uma forma de enxergar o ciberacontecimento como um plano movente, de atingir "a processualidade que marca os acontecimentos do mundo" (p. 99).

O desenvolvimento dessa capacidade pode passar pelo que a psicanálise chama de atenção flutuante: uma técnica freudiana para que o analista não se deixe influenciar, ao ouvir o paciente, pelas suas próprias expectativas e inclinações. A orientação é "não dirigir a atenção para algo específico" e em manter a atenção "uniformemente suspensa". Em outras palavras, é abandonar a seleção por um instante, já que, "para Freud, a atenção consciente, voluntária e concentrada, é o grande obstáculo à descoberta" (KASTRUP, 2007, p. 16).

Cumprе lembrar que não se trata de deslocar integralmente o conceito para o jornalismo. Nesse sentido, a atenção flutuante pode ser comparada a uma postura de observação da movimentação das associações dos atores em rede, antes de assumir uma postura na tessitura da narrativa. O objetivo seria a construção de uma inteligibilidade não marcada pela obsolescência, mas também que mantivesse as formas estruturais que definem o jornalismo. Ou seja, uma postura consciente da impossibilidade da estabilização da rede surgida do rizoma, que buscasse formas de acessar o plano pré-individual do processo acontecimental; uma postura que se deixasse guiar pelos sinais que surgem do acontecimento; uma postura event-driven (LAWRENCE, 2000).

O desenvolvimento de um olhar vibrátil somado a um comportamento inspirado na atenção flutuante pode permitir à prática jornalística apreender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, estancando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido (ROLNIK, 2014, p. 67).

Em busca do comum: a observação da constituição do plano coletivo de forças por meio de uma atenção flutuante favorece também a emergência do que Jullien (2009) chama de "comum", "uma coexistência que não abole a fricção e na qual o esforço de construção marca presença" (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 267). Sua delimitação como conceito é moldada ao se distinguir de outros dois: o universal e o homogêneo, termos que convidam ao diálogo, resguardadas as distinções epistemológicas com Genro Filho (1989) quando propõe definições para universalidade, particularidade e singularidade no âmbito da filosofia do jornalismo.

O universal funciona como "ideal regulador" que está "em contínua implementação" (KASTRUP e PASSOS, 2013, p. 67). "Por exemplo, quando falamos em Direitos Humanos, universais, não nos referimos a uma totalidade positiva e realizada, mas a um horizonte sempre presente" (p. 67). O homogêneo, por sua vez, é uma "generalidade rasa, barata, superficial, fundada na semelhança e na série, com vistas ao crescimento e ao rendimento" (p. 67). É, seguem os autores, a "uniformização dos modos de vida, discursos e opiniões, onde se destaca o papel da mídia e outros dispositivos da globalização". Já o comum é a construção constante da coexistência das heterogeneidades. É o "limite instável entre o que comuna e o que difere" (p. 67).

Ao pulsar em rede, o cibercontecimento afeta os atores. De diferentes maneiras, essas experiências são compartilhadas. Partilhas heterogêneas, ligadas às subjetividades e à maneira como cada um o experienciou, emergem como pertencimento, que aproximam por conter valores universais. Diferença e pertencimento se espalham, construindo uma rede política em constante mutação e com potência comunitária. O cibercontecimento se transforma naquilo "que compartilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos" (KASTRUP e PASSOS, 2013, p. 267).

O desafio do agir cartográfico é fazer o comum aflorar, dar um sentido de heterogeneidade ao fluxo informacional que circula pelas redes sociais digitais durante o cibercontecimento: não deixar que ele se torne homogêneo, nem que fique apegado apenas ao que é universal, mas que consiga, a partir de uma sensibilidade capaz de perceber a camada pré-individual da constituição das formas em um plano de forças, entender sua participação inserido no fenômeno e cristalizar sua narrativa de maneira a dar conta das diferenças.

Por uma mediação qualificada

O esforço pelo agir cartográfico parte do princípio de que "o ato de conhecer é criador da realidade" (KASTRUP e PASSOS, 2013, p. 264). Ao narrar o processo acontecimental, o jornalismo ajuda a constituí-lo. Suas ações também resultam em associações heterogêneas, ou seja, relacionam-se com os demais atores da rede em formação. Há, por parte do jornalismo, um processo simultâneo e indissociável de narração e participação do fenômeno; mediação e representação, amalgamadas.

Mais do que reconhecer que a ação do jornalismo constrói a realidade a partir da ocorrência de um fenômeno, o agir cartográfico pressupõe reconhecer a presença da ação do jornalismo inserida no acontecer do fenômeno: ou seja, como parte de um fenômeno que talvez tenha cessado fora das redes digitais, porém que segue acontecendo dentro delas como cibercontecimento, o que ilumina a compreensão do jornalismo como processo e suas dimensões criativas (SALLES, 2011).

O primeiro movimento visando a conclusão é o de reiterar o insistente alerta ao jornalismo sobre o risco que corre de perder a legitimidade que alcançou na história como instituição mediadora, a quem cabe propor o debate sobre os temas relevantes no presente (FRANCISCATO, 2005): isso na hipótese de não enfrentar, reflexivamente, a crise provocada pelos fluxos de informação nas redes sociais digitais. Impõe-se um dilema à defesa do jornalismo em bases tradicionais. Se o fim ontológico da atividade

jornalística é a transmissão objetiva do real, signos produzidos pelos próprios agentes envolvidos nos acontecimentos e postos em circulação na semiosfera por meio das redes sociais digitais atenderiam mais a esse propósito; cotejados ao senso de fidelidade, conteriam em si menos mediação (OLIVEIRA, 2018).

E o que restaria ao jornalismo? Seguiria compondo o núcleo da construção social da realidade na semiosfera, ao mesmo tempo que os possibilita, em referência a Lotman (1986). Discursos interagem, disputam. Por aí se reforça a imagem das redes digitais como *locus* em que as disputas se materializam. Caberia ao jornalismo, sim, mediar o conflito entre os signos que circulam; não impor a sua representação, ao constituir-se em mais um agente que disputa.

Crítica e defesa dos preceitos que legitimam o campo convergem num movimento teleológico de produção, com base na formação que outorga ao jornalista essa prerrogativa, teoria e método, de signos/notícia capazes de representar os aspectos mais essenciais do objeto/acontecimento, aquilo que é possível da sua singularidade – também no sentido que confere Genro Filho (1989) ao termo – assumindo como fim sua função mediadora.

É um esforço que transcende, no entanto, a disposição de profissionais – sem a qual, paradoxalmente, é inviável. Exige um reposicionamento de preceitos no estatuto do jornalismo. Imparcialidade e objetividade saem da dimensão da ontologia e passam a ser tratadas, a partir de uma construção epistemológica, como parte da sua metodologia. Quem inspira o reposicionamento é Ward (2010, p. 138-139), quando, numa visada filosófica, ao tratar do jornalismo, separa a objetividade em três diferentes sentidos: “ontológico, epistemológico e processual”. O fenômeno em si é da ordem da objetividade ontológica, inapreensível ao ser humano senão pela linguagem. Uma tentativa de apreendê-lo passa, então, pela construção epistemológica de métodos de investigação e verificação do consenso, no sentido peirceano, dando forma à objetividade processual, na dimensão metodológica do estatuto do jornalismo.

Em meio à profusão de sentidos que conformam a semiosfera, o jornalismo seria o sistema capaz de oferecer um signo que não seja a emanção do próprio objeto, como sugere a perspectiva que coloca a objetividade como estrutura ontológica, mas sim um signo mais próximo dele, em que a objetividade – em sua dimensão lógica/semiótica – age como método pelo qual operacionaliza a mediação qualificada, processada pelo agir cartográfico. É preciso, entretanto, atender à provocação que faz Resende (2009)

para pensar o jornalismo como uma atividade em que mediações e representações são indissociáveis. O jornalismo deixaria de disciplinar para ampliar as possibilidades de sentido e compreensão do acontecimento, como se dissesse: “estamos mediando a realidade caótica, compondo mapas semióticos. No objeto representado, há outros aspectos que não demos conta, que dependem da sua navegação; o outro que representamos tem voz; e você, que nos lê, processa semioses que originam signos diferentes dos nossos, e que também o representam”.

Estariam em construção, finalmente, as condições para a viabilidade do projeto que propõe o jornalismo como forma de conhecimento específico (MEDITSCH, 1998). Ao exercer uma mediação qualificada, pelo agir cartográfico, o jornalismo avançaria do “texto cego” (RESENDE, 2002) a um desvendamento singular dos objetos: um movimento calcado em textos produzidos pela função criadora, de Lotman, revelando novos sentidos sobre os acontecimentos, para além da função comunicativa, majoritariamente presente na semiose da notícia tradicional (OLIVEIRA, 2018).

Ronaldo Cesar Henn

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3741-2936>

Unisinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo (RS), Brasil.

Doutor em Comunicação e Semiótica (PUCSP)

E-mail: henn.ronaldo@gmail.com

Felipe Moura de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8411-7526>

UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre (RS), Brasil.

Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos)

E-mail: felipecomunica@gmail.com

Moreno Cruz Osório

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8411-7526>

PUC-RS, Escola de Comunicação, Artes e Design, Porto Alegre (RS), Brasil.

Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos)

E-mail: mosorio@gmail.com

Recebido em: 20 de agosto de 2022.

Aprovado em: 6 de outubro de 2022.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.298>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 45, p.44-65, mai./ago. 2022

Referências:

ABRAS, F.; PENIDO, P.. De Gatekeeper a Cartógrafo da Informação: a reconfiguração do papel do jornalista na web. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (Intercom Sudeste), 12., 2007, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: Intecom, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/3pwhgfv>>. Acesso em: 20 ago 2022.

BASTOS, M. T.; RECUERO, R.; ZAGO, Gabriela. Encontros e desencontros entre TAR e ARS: o laço fraco entre teoria e método. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 3, p. 576-594, 2014.

BERGER, C. O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-25, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2011.

ESCÓSSIA; L. da; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.

FRANCISCATO, C. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

GENRO FILHO, A. **O segredo da Pirâmide**. Porto Alegre: Tchê, 1989.

HALL, J. **Online Journalism: A Critical Primer**. London; Sterling, Virginia: Pluto Press, 2001.

HENN, R. C. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo. In: SILVA, A. R.; NAKAGAWA, R. M. (Org.). **Semiótica da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2013. cap. 5, p. 102-119.

_____. **El cibercontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: UOC, 2014. v. 1.

HENN, R; OLIVEIRA, F. M. de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 3, p. 77-95, 2015.

HENN, R.; MACHADO, F. V. K.; GONZATTI, C. Jordan lives for the applause: performances de si como propulsoras de cibercontecimentos. **CONTEMPORANEA (UFBA. ONLINE)**, v.16, p.90 - 110, 2018.

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2010. p. 80-91.

LASICA, J. Blogs and Journalism Need Each Other. In: **Nieman Reports**, Cambridge, v. 57, n. 3, 70-74, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/3T52FbC>>. Acesso em: 20 ago 2022.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.

LAWRENCE, R. **The Politics of Force: Media and the Construction of Police Brutality**. Berkeley, University of California Press, 2000.

LOTMAN, I. **La Semiosfera**. Madri: Cátedra, 1986.

MAINZER, K. **Thinking in Complexity**. New York: Springer-Verlag. 1994

MEDITSCH, E. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 25-38, 1998.

MORIN, E. **O Método I: A natureza da natureza**. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

OLIVEIRA, F. M. de. **La semiosis de la noticia: Movimientos sociales en red y crisis del periodismo**. Barcelona: Editorial UOC, 2018.

OSÓRIO, M. C. O jornalismo em meio à crise sistêmica: uma proposta de observação a partir da Teoria Ator-Rede. In: Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015, 14., 2015, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ECA-USP, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2DAP9tq>>. Acesso em: 20 ago 2022.

_____. **O cibercontecimento breaking news: Uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes**. 2018. 215 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3KaM0yZ>>. Acesso em: 20 ago 2022.

PEIRCE, C.S. **The Collected Papers**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

PRIGOGINE, I., Order through Fluctuation: Self-Organization in a Social System. In, **Evolution and Consciousness: Human Systems in Transition**. Jantsch, E. and Waddington, C. H. (eds.), p. 93-126. Massachusetts. Addison-Wesley Publ. Company, 1976.

_____. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Unesp, 1996.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, 2013.

QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, n. 6, p. 59-76, 2005.

RESENDE, F. **O olhar às avessas**: a lógica do texto jornalístico. 2002. 239f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2002.

_____. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, 2009.

ROCHA, J. O papel dos jornalistas nos processos interacionais do Participatory Journalism. **Mediação**, Belo Horizonte, n. 5, p. 52-62, novembro de 2006.

_____. Por uma Cartografia da Informação Funções do webjornalista no ciber mundo colaborativo. In: Encontro Nacional de Professores de Jornalismo, 12., 2009, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Pitágoras, Una e Uni-BH, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3PE666b>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2014.

ROSÁRIO, N. M. do: Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In MALDONADO, A. E.; BONIN, J.; ROSÁRIO, N. M. do (Orgs.): **Perspectivas metodológicas em Comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 195-220.

SALLES, C. A. Jornalismo em processo. In: Encontro Anual da Compós, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3cbQQQ7>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SANTAELLA, L. **A Teoria Geral dos Signos**: como as linguagens significam as coisas. SP: Cengage Learning, 2008.

VIEIRA, J. A. Organização e Sistemas. **Informática na Educação: Teoria e Prática**. Tgie-UFRGS, V. 3, Setembro, 2000. P.p 11-24.

WARD, S. Inventing Objectivity: New Philosophical Foundations. In: MEYERS, C. (Org). **Journalism Ethics: A Philosophical Approach**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 137-152.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Concil of Europe, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2H2Rqvc>>. Acesso em: 20 ago 2022.

Resumo

O artigo formula proposta a partir de exercício teórico diante do que é postulado ser uma crise sistêmica no jornalismo contemporâneo. Na perspectiva da filosofia da linguagem, a natureza da crise delinea-se pela disputa de sentidos que se estabelece na semiosfera, cuja conformação é afetada intensamente pelo alto grau de conectividades que se processam no ambiente digital. Versões contemporâneas do fenômeno designado como “fake news” e outros desdobramentos, como a ascensão de imaginários retrógrados, adensam a configuração dessa crise. Considerando-se as tensões que esse fenômeno produz sobre as práticas jornalísticas, emerge a proposta do agir cartográfico, associado à interface dos conceitos de cibercontecimento e breaking news, como alternativa teórico-metodológica para a compreensão e o exercício do jornalismo em rede. É um movimento que projeta o jornalismo na condição de mediação qualificada, favorecendo formas mais complexas de representação e interpretação do mundo.

Palavras-chave: Agir cartográfico. Mediação qualificada. Cibercontecimento.

Abstract

This paper offers a proposition from a theoretical exercise faced with what is postulated to be a systemic crisis in contemporary journalism. In the perspective of philosophy of language, the nature of the crisis is delineated by the dispute of meanings established in the semiosphere, whose conformation is affected intensely by the high degree of connectivities processed in the digital

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022.298>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 45, p.44-65, mai./ago. 2022

environment. Contemporary versions of the phenomenon known as fake news and other developments, such as the rising of a retrograde ideal, add complexity to the configuration of this crisis. Regarding the tensions this phenomenon produces in the journalistic practices, this paper offers a proposition named "cartographic proceeding". It is associated with the concepts of cyberevent and breaking news, emerging as a theoretical-methodological alternative for the understanding and the performance of networked journalism. It is a movement that projects journalism into the condition of qualified mediation, which results in more complex forms of representation and interpretation of the world.

Keywords: Cartographic proceeding. Qualified mediation. Cyberevent.

Resumen

El artículo formula una propuesta a partir de un ejercicio teórico frente a lo que se postula como una crisis sistémica del periodismo contemporáneo. Desde la perspectiva de la filosofía del lenguaje, la naturaleza de la crisis se perfila por la disputa de significados que se establece en la semiosfera, cuya conformación se ve intensamente afectada por el alto grado de conectividad que se produce en el entorno digital. Versiones contemporáneas del fenómeno denominado "fake news" y otros desarrollos, como el surgimiento de imaginarios retrógrados, profundizan la configuración de esta crisis. Considerando las tensiones que este fenómeno produce en las prácticas periodísticas, surge la propuesta de acción cartográfica, asociada a la interfaz de los conceptos de ciberevento y noticia de última hora, como alternativa teórico-metodológica para la comprensión y ejercicio del periodismo en red. Es un movimiento que proyecta el periodismo en la condición de mediación cualificada, privilegiando formas más complejas de representación e interpretación del mundo.

Palabras clave: Acción cartográfica. Mediación cualificada. Ciberevento.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.